



Grupo Parlamentar CHEGA

A SEGURANÇA OU A SUA FALTA NOS AÇORES

Todos conhecemos o velho ditado: só valorizamos aquilo que perdemos. No caso da segurança pública, só lhe daremos valor quando a perdermos ou quando os índices de insegurança se tornarem alarmantes.

É responsabilidade de qualquer político, governante ou cidadão ativo ser preventivo, antecipar as questões e interpretar os sinais evidentes em matérias como esta.

As nossas belas ilhas, um atrativo para o turismo, são, sem dúvida, uma das regiões com menor índice de criminalidade do país. Isso poderia transmitir uma sensação de segurança, tanto a quem aqui vive, quanto a quem nos visita, mas certamente sabemos que não é bem assim.

O aumento do consumo de substâncias químicas, como as chamadas drogas sintéticas, deve deixar-nos em alerta. Devemos estar preocupados com os fenómenos de criminalidade que resultam desse flagelo social. Também, é sabido, que crimes frequentemente subestimados, como furtos a residências e comércios, estão, direta ou indiretamente, relacionados ao consumo de drogas.

Como combater esses fenómenos? Obviamente, através da prevenção primária. Mas, quando for necessário atuar criminalmente, cabe às forças de segurança fazê-lo eficazmente e com determinação.

Outro problema cada vez mais evidente é o aumento dos sem-abrigo e da mendigagem, que em nada contribuem para uma boa imagem da nossa terra. Não basta encolher os ombros perante essa questão. É necessário rever a legislação e implementar medidas que permitam encaminhar essas pessoas para locais apropriados que já existem.

Infelizmente, as forças de segurança, apelidadas por alguns como “a bosta da bófia”, têm perdido, ao longo das décadas, recursos humanos e materiais. Esse enfraquecimento é preocupante, tanto quanto ao seu papel, quanto para a sua autoridade. Mais grave ainda é o ataque vergonhoso à dignidade e legitimidade das polícias e dos seus agentes.

A degradação das esquadras, a falta de viaturas, a escassez de agentes e as condições precárias de trabalho não são meros acasos; fazem parte de um plano vergonhoso que enfraquece as autoridades e, conseqüentemente, a própria segurança pública.



Grupo Parlamentar CHEGA

Vivemos num país onde se questiona a autoridade das polícias e, ao mesmo tempo, se transformam criminosos em vítimas e até em heróis nacionais. Estamos a caminhar para a anarquia e à insegurança. Os Açores não estão imunes a estes fenómenos, e também, são vítimas desta chamada cultura woke, que pretende destruir a cultura secular que herdamos, defendemos e queremos continuar a ter.

Vivemos um tempo em que valores fundamentais, como o respeito pela vida, pela família, pelo trabalho e pelas instituições, são colocados em causa, em nome de uma suposta liberdade que, na prática, é apenas libertinagem.

Nenhum Estado deve ser policiado, mas é essencial ter uma polícia com dignidade, autoridade e recursos. Uma sociedade só se sente segura quando essa perceção é real, independentemente de estatísticas ou discursos vazios de alguns políticos. Defendemos uma sociedade ordeira, pacífica e segura.

É vergonhoso que a República continue a ignorar as necessidades das forças de segurança nas nove ilhas dos Açores, negando-lhes recursos humanos e materiais adequados. É inaceitável que não se cumpra o mínimo necessário para garantir a segurança da nossa sociedade.

Nós, representantes do povo açoriano, não podemos aceitar que o Estado, que tanto exige dos cidadãos, falhe nas suas próprias obrigações em matéria de segurança. Esquadras fechadas e agentes sozinhos em ocorrências são exemplos gritantes de falhas inaceitáveis. O Estado, para os Açores, parece ser um “Pai Tirano”, agindo como Frei Tomás: “faz o que eu digo, não faças o que eu faço”.

Por outro lado, o mesmo Estado, ou pelo menos parte dele, demonstra excessivo zelo em casos menores e caricatos, como a multa aplicada a um agente da polícia municipal de Ponta Delgada por cumprimentar o líder do CHEGA, André Ventura. Talvez aqui não seja propriamente a culpa do Estado, mas sim dos maus representantes, que abusam dos recursos ao seu dispor para combater o partido CHEGA, a terceira força política, tanto nos Açores, como no país. Isso, aliás, já todos sabíamos.

Os eventos dos últimos dias são a prova de tudo o que aqui estamos a dizer. Ora vejamos, num sábado organiza-se uma manifestação a atacar as polícias. No dia seguinte, no mesmo local, numa rixa entre imigrantes, que até já se formam em bandos, há violência com armas brancas e barras de ferro, que resulta em sete feridos. Neste mesmo domingo, não vimos a canhota a lá ir resolver a questão, mas sim a polícia, aquela que eles tanto atacam e odeiam.

Estes anárquicos tanto atacam as forças de segurança, tanto as querem destruir, que o mais certo, e continuando neste caminho, se algum dia quiserem



Grupo Parlamentar CHEGA

segurança vão ter de chamar o Batman ou Homem-Aranha. É bom nunca esquecer que quem não gosta da polícia são os bandidos.

Por fim, cabe a nós, representantes democráticos, defender as nossas forças de segurança e garantir que ninguém, residente ou visitante, sintam-se inseguro na nossa terra. É nosso dever exigir ações concretas e eficazes.

Concluo com um apelo à ação em defesa das nossas forças de segurança e da segurança coletiva. É fundamental estar sempre ao lado de quem nos protege, e nunca contra eles. Aqueles que não concordarem, que “encostem à parede”.

Disse!